

Abordagem ecológica e emergência de classificadores na Libras

Ecological approach and classifiers emergence in *Libras*

Jéssica Puhl¹

jessicapuhl95@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Elaine Ferreira do Vale Borges²

elainefvb@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Rúbia Carla da Silva²

silvablum@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa

RESUMO – Esta pesquisa qualitativa-interpretativista investiga a emergência de classificadores (CL) como *affordances* linguísticas em interações comunicativas na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Para tanto, recorreremos à abordagem ecológica na análise e discussão de seis CLs (descritivo, especificador, semântico, instrumental, locativo e plural) usados em um vídeo produzido por um surdo. Os resultados apontam que, embora os CLs mostrem diferentes graus de iconicidade em suas emergências, a iconicidade nesses morfemas pode propiciar uma melhor compreensão desse recurso de estruturação interna das línguas de sinais (LS). Isso devido ao fato de que os CLs (como discutido nesta pesquisa) configuram-se em *affordances* linguísticas nas práticas de uso das LS.

Palavras-chave: abordagem ecológica, *affordance* linguística, Libras, classificadores.

ABSTRACT – This qualitative-interpretive research investigates the emergence of classifiers (CL) by considering them as linguistic affordances in Brazilian Sign Language (*Libras*) communicative interactions. In order to achieve this goal, we resort to the ecological approach to analyze and discuss six CLs (descriptive, specifier, semantic, instrumental, locative and plural) used in a video produced by a deaf person. The results show that, although the CLs express different degrees of iconicity in their emergencies, the iconicity of these morphemes may allow a better understanding of this internal structural resource of the sign languages (SL). This finding is a direct consequence of CLs (as discussed in this research) being linguistic affordances in the LS use practices.

Keywords: ecological approach, linguistic affordance, *Libras*, classifiers.

Introdução

As línguas de sinais (LS) são línguas naturais de modalidade visoespacial, cujas pesquisas científicas no âmbito de suas estruturas internas, aquisição e uso nas comunidades surdas (como língua materna) e ouvintes (como segunda língua) vêm aumentando consideravelmente desde os estudos preliminares do linguista norte-americano William Stokoe (Quadros e Karnopp, 2004). A Língua Brasileira de Sinais (Libras), assim como as outras LS, manifesta-se essencialmente via

articulação das mãos, movimento do corpo e da face, tendo, do ponto de vista fonológico, em sua estrutura interna, parâmetros de suma importância como configuração de mão (CM), movimento (M) e locação (L); já, na esfera dos aspectos morfológicos e semânticos, os denominados classificadores (CL) também assumem um papel importante, inclusive com algumas CMs tidas como morfemas. Nesse sentido, segundo Ferreira-Brito (2010, p. 102), os CLs expandem “o espaço multidimensional em que se realizam os sinais” dada a característica espaço-visual das LS.

¹ Universidade Estadual de Ponta Grossa. Licenciatura em Letras/Inglês. Av. General Carlos Cavalcante, 4748, Uvaranas, 84030-900, Ponta Grossa, PR, Brasil.

² Universidade Estadual de Ponta Grossa. Departamento de Estudos da Linguagem. Av. General Carlos Cavalcante, 4748, Uvaranas, 84030-900, Ponta Grossa, PR, Brasil.

Neste estudo, visamos avançar na compreensão dos CLs na constituição, produção e interação da/na Libras na perspectiva da abordagem ecológica (Gibson, 1979; van Lier, 2000, 2002, 2004). Partindo de um estudo anterior (Puhl e Borges, 2016), sobre *affordances* na aquisição da Libras como segunda língua (L2), esta pesquisa, de natureza qualitativa-interpretativista (Bor-toni-Ricardo, 2008), analisa e discute a emergência de alguns CLs (descritivo, especificador, semântico, instrumental, locativo e plural) como *affordances linguísticas* (van Lier, 2004) no uso da Libras. A escolha dos CLs investigados deu-se pela expressividade icônica manifestada (em maior ou menor grau) em suas emergências em um vídeo (Segala e Ramalho, 2009) produzido por um surdo. Nos interessa verificar como a iconicidade vinculada à emergência de alguns CLs – que, entendemos, permite classificá-los como *affordances* linguísticas (van Lier, 2004) – pode facilitar a compreensão desse recurso linguístico na Libras.

Para tanto, este artigo compõe-se de três seções (e algumas subseções), além desta *Introdução* e da *Conclusão*. A *Fundamentação Teórica* (primeira seção) traz uma pequena revisão da literatura que trata, por um lado, da estrutura interna das LS e da Libras no que tange essencialmente os CLs e a iconicidade, e; por outro lado, da abordagem ecológica (van Lier, 2004) e temas vinculados como a emergência e a *affordance* linguística. A segunda

seção, *Metodologia de Pesquisa*, trata da natureza do estudo e do *corpus* de análise (CLs e vídeo). Na seção de análise, *Abordagem Ecológica na Compreensão da Emergência de Classificadores na Libras*, reflete e discute-se a emergência de seis CLs (descritivo, especificador, semântico, instrumental, locativo e plural) como *affordances* linguísticas em um vídeo produzido por um surdo.

Fundamentação teórica

Língua Brasileira de Sinais – Libras

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é uma língua natural autônoma, de modalidade visoespacial e de expressiva iconicidade, “composta de todos os componentes pertinentes às línguas orais, como [...] gramática, semântica e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumento linguístico de poder e força” (Streiechen, 2013, p. 28). No âmbito de sua estruturação linguística interna, a Libras (assim como outras LS) é composta por parâmetros principais – configuração da mão (CM), movimento (M) e locação (L) – e secundários – orientação da mão (Or), disposição das mãos, região de contato e expressões não-manuais (ENM). Ainda, segundo Quadros e Karnopp (2004), a Libras (e as LS) tem um sistema de classificadores (CL) que estrutura o seu processo morfológico de formação lexical.

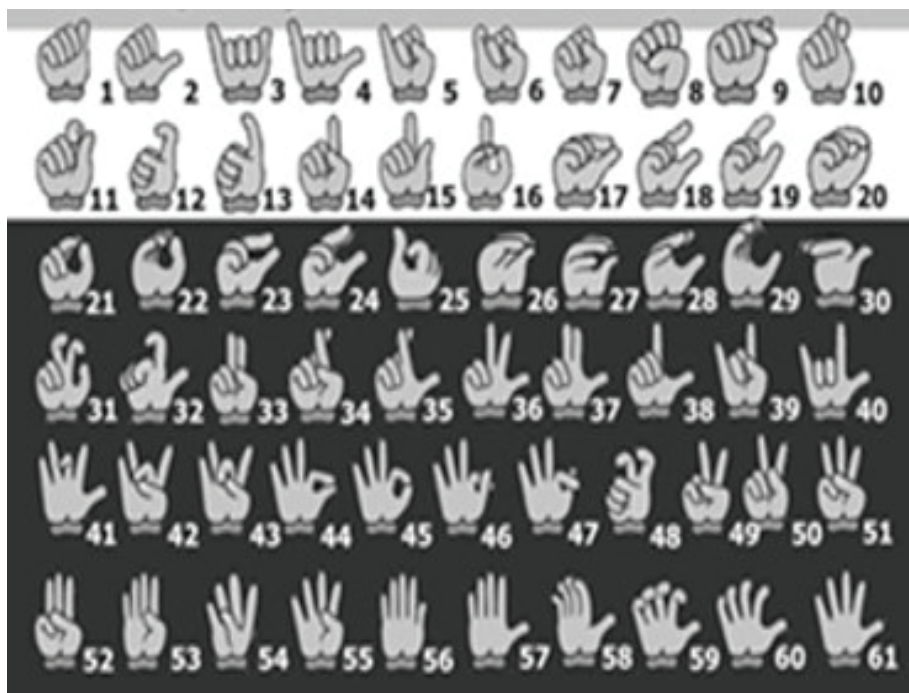


Figura 1. Configurações de mão na Libras.

Figure 1. Handshape in *Libras*.

Fonte: Castro (2012, p. 63).

No que se refere aos parâmetros principais, a *configuração de mão* (CM) converte-se nas várias formas que as mãos se articulam no momento da sinalização. Segundo alguns pesquisadores, já existem catalogadas mais de 75 CMs, porém não muito bem explicitadas. Sendo assim, tomaremos como referência a tabela exposta em Castro (2012, p. 63) com 61 CMs na Libras (Figura 1). Algumas dessas CMs serão retomadas na parte da análise deste artigo.

Em relação ao *movimento* (M), de acordo com as pesquisas de Ferreira-Brito e Langevin (1995 *in* Quadros e Karnopp, 2004, p. 54), “é preciso haver objeto e espaço. Nas línguas de sinais, a(s) mão(s) do enunciador representa(m) o objeto, enquanto o espaço em que o movimento se realiza (o espaço da enunciação) é a área em torno do corpo do enunciador”. As mãos que sinalizam no espaço neutro ou no corpo podem ter M como contornos ou linhas: retilíneo (ESTUDAR, PORQUE), helicoidal (ALTO, AZEITE), circular (BICICLETA, BRINCAR), semicircular (SAPO, SURDO), sinuoso (PEIXE, NAVIO) ou angular (DIFÍCIL, BRASIL). Os sinais podem ser realizados de forma simples ou podem repetir várias vezes o mesmo M, tratando-se de frequência. Há também a direcionalidade do M, que pode ser unidirecional (aplica-se em uma direção no espaço, durante a sinalização; ex.: DIFERENTE, NASCER), bidirecional (a efetivação desse movimento é realizado por uma ou pelas duas mãos, no qual as direções são distintas; ex.: AMIGO, PRIMO) ou multidirecional (pode ser utilizado em várias direções no espaço, no momento da sinalização; ex.: PASSEAR, CHUVA).

A *locação* (L), ou ponto de articulação “é aquela área do corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado” (Friedman, 1977 *in* Quadros e Karnopp, 2004, p. 57); ou seja, é o *locus* de M do sinal. Assim, o espaço onde ocorre a enunciação é a área que contém todos os pontos onde serão articulados os sinais. Para isso, todavia, há um espaço limitado na L para que se possa realizar os sinais (cabeça, tronco, espaço e mão/braço). Sendo que alguns sinais terão que ser mais exatos enquanto L, como na cabeça: queixo, orelha, testa etc.; tronco: cintura, ombro, pescoço etc.; mão: dedos, palma, dorso da mão etc.; espaço neutro. Dessa forma, o espaço da enunciação será ideal na articulação e no sentido da realização dos sinais para os interlocutores.

No âmbito dos parâmetros secundários, a *orientação da mão* (Or) é a direção para a qual a palma da mão aponta no momento da sinalização. Na Libras, há seis tipos de Or, quais sejam, para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita ou para esquerda (Quadros e Karnopp, 2004). As *expressões não-manuais* (ENM), por sua vez, fazem referência aos movimentos da face, da cabeça ou até mesmo do tronco que podem ser articulados em marcação de construção sintática e diferenciação de itens lexicais. De acordo com Quadros

e Karnopp (2004, p. 60), as ENM, que tratam de função sintática, são constituídas a marcarem

sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU-, orações relativas, topicalizações, concordância e foco [...] As expressões não-manuais que constituem os componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto [...].

Duas ENMs podem ocorrer simultaneamente, como por exemplo, ao combinar a forma de interrogação com a forma de negação na mesma sinalização (Quadros e Karnopp, 2004). Valendo-se das considerações de McDonald, Ferreira-Brito (2010, p. 101-102) considera que os sinais, na LS, são “multimorfêmicos”, reafirmando que os parâmetros podem ser considerados morfemas e que suas características “são fonológicas e as ações musculares do sinal são os traços distintivos”. Dessa forma, através da expressão facial e corporal, consegue-se expor todos os sentimentos e entonações necessárias para que se possa apresentar um sentido real à contextualização sinalizada.

No tocante ao *classificador* (CL), segundo Allan (1977 *in* Ferreira-Brito, 2010, p. 102), esse sistema linguístico interno da língua é “concatenado com um quantificador, demonstrativo ou predicado, para formar um elo que não pode ser interrompido por um nome que ele classifica”. De acordo com Allan, nas línguas de sinais, “os CLs podem funcionar como nome, como adjetivo, como advérbio de modo ou como locativo. Entretanto, é no verbo ou no adjetivo que eles se incorporam, sendo que CLs que se apresentam como no sintagma verbal ou predicado” (*in* Ferreira-Brito, 2010, p. 102). Ademais, Supalla afirma que os “morfemas, mãos e corpo seriam articuladores para indicar o nome do referente, ou o agente da ação” (1986 *in* Bernardino, 2012, p. 251).

Além disso, é importante considerar a afirmação de Pimenta (2009 *in* Castro, 2012, p. 87) de que

[o]s classificadores-CL fazem parte do uso de “estratégias para o estabelecimento de pontos espaciais” e “podem ser realizados em pontos específicos do espaço, assim como os sinais específicos, ou serem usados incorporando os pontos por meio de movimentos, assim como alguns sinais”.

Nesse sentido, os CLs são usados para designar uma “configuração de mão geral que pode substituir vários sinais de uma determinada categoria” (Pimenta, 2011 *in* Castro, 2012, p. 87); isso é, os CLs são recursos linguísticos que servem para descrever, especificar e também indicar movimentação ou a localização de pessoas, animais e objetos/coisas.

No que se refere à emergência de significado para a efetiva interação comunicativa proporcionada por esse recurso linguístico das LS, nesta pesquisa, aproximamos os CLs das *affordances* linguísticas (van Lier, 2004) que, por sua vez, está intrinsecamente relacionada à iconicidade dos sinais na LS. Reflexões sobre as relações entre *affordances*

(Gibson, 1979; van Lier, 2000, 2002) e iconicidade na Libras como L2 foram previamente desenvolvidas, como já enfatizado em Puhl e Borges (2016). Agora, avança-se na compreensão das emergências dos CLs na Libras como *affordances* linguísticas (van Lier, 2004).

Iconicidade nas línguas de sinais (LS)

Para se fazer uma analogia entre CLs e *affordances* linguísticas (van Lier, 2004) – foco deste trabalho – vemos a necessidade da compreensão da iconicidade naturalmente subjacente aos sinais nas LS. Nesse sentido, Quadros e Karnopp (2004, p. 31-32) sinalizam que a LS,

[p]or ter uma produção manual e uma percepção visual, usa o espaço físico e o próprio corpo do sinalizador para a execução do conteúdo da mensagem visual. A exploração do espaço físico e o uso do próprio corpo são importantes elementos na interação. Esse uso do espaço favorece a iconicidade, uma vez que ele é mais palpável do que o tempo, que é a dimensão utilizada pelas línguas orais-auditivas (Ferreira, 1997). Para Ferreira, a iconicidade, ou a semelhança entre a forma de um signo e o que ele representa não é universal, mas depende dos referentes e da cultura de cada grupo sinalizador, tornando-se, assim, convencional. Contudo, nem todo sinal é icônico, uma vez que existem sinais mais ou menos icônicos na Libras.

Tomando como ponto de partida as reflexões de Quadros e Karnopp (2004), podemos definir os sinais icônicos como aqueles que se assemelham com o objeto/animal ou coisa a que se referem, como, por exemplo, no sinal “BANANA” realizado com o dedo indicador (a banana) apontado para cima e que ocorre a ação de descascar a banana, trazendo uma referência exata de como realmente fazemos para descascar essa fruta. Em nossa percepção, a produção do sinal “BANANA” possui um alto grau de iconicidade, podendo ser considerado como totalmente icônico, tendo em vista outros sinais com nenhuma (EXEMPLO), pouca (UNIR), média (OVO) e muita (FADA) iconicidade. Nesse sentido, apresentamos no Quadro 1 uma escala de iconicidade que será usada na parte da análise de dados ao discutirmos graus de iconicidade emergentes na produção de CLs no vídeo analisado, a fim de compará-los à emergência de *affordances* linguísticas.

Em contrapartida aos sinais icônicos, existem os sinais arbitrários, que retratam sinais que não possuem

relação com o objeto, animal ou coisa aos quais referenciam; ou seja, sinais que não mantêm qualquer semelhança com o dado da realidade que representam. Dessa forma, a maioria dos sinais na Libras são arbitrários como, por exemplo, o sinal “DESCULPA”, realizado com uma das mãos em que a CM é em “Y” e o ponto de articulação é no queixo, e o M é retilíneo, não possuindo M.

No que refere aos CLs, Mikos (1983 in Ferreira-Brito, 2010, p. 108) enfatiza que, entre todos os componentes sintáticos pesquisados na *American Sign Language* (ASL), por exemplo (mas que também podemos pensar na Libras), os CLs seriam talvez os mais importantes, “o cerne da língua”. Ainda, ao colocar que, na produção de CLs, o usuário utiliza de recursos do próprio corpo “com movimento dentro de um frame tridimensional para produzir uma imagem visual rica” e que há similaridades físicas entre os CLs e “as formas e movimentos que representam no mundo real”, Mikos nos dá subsídios suficientes para pensarmos que os CLs são mesmo carregados de iconicidade.

Todavia, ao discutirmos sinais icônicos, não podemos concluir que um sinal visto iconicamente e/ou com graus de iconicidade em Libras será também abordado como icônico em outras LS. Cada cultura/país capta facetas diferentes de um mesmo referente, representados por meio de seus próprios sinais. Assim, tem-se diferentes formas de percepção e interpretação do mesmo objeto sinalizado em vários lugares do mundo (Quadros e Karnopp, 2004). Ainda, ao tratarmos da iconicidade, não podemos deixar de salientar que, durante muito tempo, afirmou-se que as LS não eram línguas por serem muito icônica, não representando, portanto, conceitos abstratos. Isso não é verdade, pois nas LS também podemos observar sinais e representatividade dos conceitos abstratos, que vão muito além de sinais icônicos, gestos e/ou até mesmo mímica. Sabe-se que as LS possuem regras e parâmetros linguísticos que as estruturam linguisticamente, abrangendo a complexidade de qualquer língua natural.

Classificadores (CL) na Libras e na *American Sign Language* (ASL)

Como já foi destacado, um CL é um recurso linguístico estruturante das línguas de sinais que estabelece

Quadro 1. Escala de iconicidade em sinais da Libras.

Chart 1. Scale of iconicity in *Libras* signs.

1	2	3	4	5
Com nenhuma iconicidade	Com pouca iconicidade	Com média iconicidade	Com muita iconicidade	Totalmente Icônico
“EXEMPLO”	“UNIR”	“OVO”	“FADA”	“BANANA”

concordância na língua e permite aos sinalizadores utilizá-lo de forma significativa no momento da produção do enunciado. Na Libras, os CLs podem apresentar-se de várias formas, a saber: (i) como desinência nominal, classificando substantivos e adjetivos em masculino e feminino; (ii) como partícula, nas palavras; (iii) como desinência verbal, regendo concordâncias da língua (FATEC, s.d.). No Quadro 2, apresentamos dez tipos de CLs na Libras como sistematizados em FATEC (s.d.).

Apesar dos dez tipos de CLs já sistematizados na Libras, nem todos possuem um grau de iconicidade. Como nesta pesquisa nos interessa analisar e discutir a relação entre a iconicidade e as *affordances* linguísticas na emergência dos CLs em Libras, serão abordados apenas seis desses CLs na análise do vídeo que embasa o estudo, sendo eles: Classificador Descritivo (CL-D), Classificador Especificador (CL-ESP), Classificador Semântico (CL-S), Classificador Instrumental (CL-I), Classificador Locativo (CL-L) e Classificador Plural (CL-P).

Os CLs em Libras, segundo Ferreira-Brito (2010), funcionam como partes dos verbos em uma sentença, cha-

mados de verbos de M e L. Na *American Sign Language* (ASL), por outro lado, pesquisas demonstram, ainda de acordo com a autora, que há verbos que indicam o objeto que se move ou é o localizado. Assim, para Ferreira-Brito (2010, p. 103), há uma

[...] relação entre o significado do verbo e o CL, em línguas de sinais, tende a ser transparente ou icônica. Essa transparência, entretanto, perde-se com a extensão dos itens lexicais de uma classe de Movimento e Localização para outras classes semânticas, etc.; isto é para classes de referentes mais abstratos.

Nesse sentido, a perda da transparência semântica deve-se, segundo Kegl e Schley (*in* Ferreira-Brito, 2010, p. 103), possuir um elo com a estratificação dos sinais. Em ASL, por exemplo, o sinal ‘VOTAR’ é estratificado, já que – independente se a ação enunciada por ele for a de colocar uma cédula na urna (momento da votação) ou a de levantar o braço (para realizar a ação de votar) – sempre será sinalizado como ‘COLOCAR-UM-OBJETO-PEQUENO-EM-UM-RECIPIENTE’.

Quadro 2. Sistematização dos classificadores na Libras.

Chart 2. Classifiers systematization in *Libras*.

(1)	Classificador Descritivo (CL-D): Refere-se ao tamanho e forma; utiliza-se para descrever a aparência de um objeto – no qual não tem movimento. Ex.: a altura e a largura de uma caixa.
(2)	Classificador que Especifica (CL-ESP): Especifica o tamanho e da forma de uma parte do corpo de pessoas e animais – não possui movimento. Ex.: as orelhas de um elefante.
(3)	Classificador de uma Parte do Corpo (CL-PC): Retrata uma parte específica do corpo em uma posição determinada ou fazendo uma ação. A CM retrata a forma de uma parte do corpo – no qual possui movimento. Ex.: os olhos de alguém em movimento.
(4)	Classificador Locativo (CL-L): Retrata um objeto com o lugar determinado com relação a outro objeto. Ex.: uma prateleira onde estão copos ou livros.
(5)	Classificador Semântico (CL-S): Função similar ao CL-L por retratar um objeto em um lugar específico (às vezes indicando movimento). A CM retrata o objeto todo e o retrata abstratamente (muito pouco ou não se relaciona a aparência do objeto). Ex.: ‘C’ copos na prateleira de um armário.
(6)	Classificador Instrumental (CL-I): Mostra como se usa alguma coisa – pegar objeto. Ex.: abrir gaveta.
(7)	Classificador do Corpo (CL-C): A parte superior do corpo se torna o classificador no qual a parte superior (do sinalizador) “desempenha” o verbo da frase, especialmente os braços – não pega objeto. Ex.: movendo os braços como em correr.
(8)	Classificador do Plural (CL-P): Indica movimento ou posição de um número de objetos, pessoas ou animais. Pode ser um número determinado ou não. Ex.: três pessoas andando juntas (número determinado).
(9)	Classificador de Elemento (CL-E): Retrata movimentos de “elementos” ou coisas que não são sólidas, isto é, ar, fumaça, água/liquido, chuva, fogo, luz. Ex.: água gotejando da torneira.
(10)	Classificador de Nome e Número (CL-NOME; CL-Nº): Utiliza CM do alfabeto manual ou os números, mas são partes de uma descrição. Ex.: números e nome na camisa de futebol.

Fonte: Adaptado de FATEC (s.d.).

Para McDonald (1982 *in* Ferreira-Brito, 2010), há duas classes semânticas de CLs em ASL: formato do objeto e a forma de segurar o objeto. Em Libras, temos os seguintes exemplos: (a) quanto ao formato do objeto: tem o exemplo VOTAR que a CM faz relação ao formato dos objetos envolvidos no momento da sinalização e; (b) forma de segurar o objeto: CHÁ que a CM traz uma referência ao modo como seguramos uma xícara de chá. Além desses dois tipos de CLs, ainda deve-se acrescentar sobre o modo em que a ação ocorre durante a sinalização, configurando-se em advérbios (Baker e Cokely, 1980 *in* Ferreira-Brito, 2010). Um exemplo, em Libras, é DIRIGIR.

Outra observação de Ferreira-Brito (2010, p. 106) é quanto a Or.

A palma da mão em V orientada para o corpo do emissor e com as pontas dos dedos estendidas para baixo representa uma pessoa andando. A palma orientada para o corpo do destinatário ou para fora ou para a esquerda e com as pontas para cima representa duas pessoas paradas ou andando uma ao lado da outra.

Dessa forma, para a constituição e/ou emergências dos CLs, não se utilizam apenas CMs, mas também Or. Além disso, “os CLs podem referir-se a entidades no singular e no plural”, como no CL ‘G’ que é singular (refere-se a uma única entidade) e no CL ‘V’ que é um dual (refere-se a duas entidades) (Ferreira-Brito, 2010, p. 107).

Focando alguns classificadores na Libras

Nesta seção, daremos ênfase a alguns dos CLs (descritivo, especificador, semântico, instrumental, locativo e plural) utilizados na produção do vídeo “Bolinha de Ping-Pong” e que serão abordados neste trabalho no que tange o foco da análise.

O *CL Descritivo* (CL-D) traz uma descrição (como o próprio nome diz), uma referência do tamanho e forma de um objeto ou corpo que pode ser de uma pessoa ou animal. Exemplos desse CL são a altura e a largura de uma caixa, a descrição de livro, a roupa de um indivíduo etc. Segundo Castro (2012, p. 90), o CL-D está sempre associado a expressões faciais (ENM) que acrescentam significado ao que as mãos sinalizam via CM e M, podendo, por exemplo, fornecer mais referências sobre o tamanho, peso e velocidade. As CMs são essenciais no momento da produção desse CL, pois é através delas que haverá uma representatividade da forma referenciada na sinalização. Um exemplo, ainda de acordo com Castro, é a distinção entre um objeto plano e um objeto quadrado.

O *CL Especificador* (CL-ESP) possui uma função muito similar ao CL-D, mas tem um caráter complementar, podendo vir após o CL-D. Nesse caso, há necessidade de descrever a forma e/ou tamanho do signo e, depois, relatar algo mais específico, oferecendo mais detalhes do

referente. Assim, percebe-se que esse CL trata da textura ou do estado de movimentos correspondes de um objeto ou corpo que também pode ser de pessoa e/ou animal. O CL também vem acompanhado com as expressões faciais (ENM) assim como o CL-D (Castro, 2012).

O *CL Semântico* (CL-S) está ancorado nas CMs que podem representar o objeto como um todo ou retratar algo abstrato, possuindo com pouca ou quase nenhuma iconicidade. Porém, quando esse CL é mencionado em um contexto, pode propiciar um grau de iconicidade maior. Alguns exemplos são: com a CM em “C” pode-se ter o CL copos na prateleira de um armário; com a CM em “Y” pode-se ter o CL andando com um salto alto.

O *CL Instrumental* (CL-I) funciona para determinar qualquer manuseio/uso de objetos em uma ação, podendo se referir a pessoas ou animais, embora não descreva ou especifique a forma e/ou tamanho dos objetos a serem manuseados ou segurados (Castro, 2012). Alguns exemplos são: puxar uma gaveta; pintar uma parede; abrir uma porta etc.

O *CL Locativo* (CL-L) é usado na referência a um objeto com lugar determinado referindo-se a outro. Uma prateleira onde estão copos ou livros é um exemplo de uso desse CL.

O *CL Plural* (CL-P) atua para representar o movimento ou posição referente ao objeto, pessoas ou animais, no qual retrata a pluralidade daquele determinado referente (estabelecerá um número definido ou indefinido) (Castro, 2012). Alguns exemplos são a pluralidade na sinalização: uma fila de pessoas; multidão seguindo uma mesma direção; carros enfileirados num estacionamento etc. Para Castro (2012), esse CL está sempre associado também a expressões faciais (ENM) que se integram às CMs e aos Ms, oferecendo mais informações sobre a quantidade referente no momento da sinalização.

Abordagem ecológica, *affordance* linguística e emergência na/da linguagem

De acordo com van Lier (2002), *ecologia* “é o estudo [cujo centro é o contexto] das relações entre os vários organismos e seu ambiente físico” (p. 144), sendo, portanto, “uma forma de pesquisa contextualizada e situada” (van Lier, 2004, p. 3). Nessa perspectiva, a *linguística* e *abordagem ecológica* preocupam-se com o estudo de relações interpessoais e com o mundo na emergência da linguagem e da aprendizagem de línguas em múltiplos contextos da atividade semiótica (van Lier, 2002, 2004). Assim, a linguagem *emerge* como uma atividade corporificada e situada, ou seja, o contexto em que a linguagem em ação faz parte proporciona um ambiente com uma vasta gama de oportunidades (*affordances*) para a construção e percepção de significados.

A *emergência*, no contexto da abordagem ecológica, segundo van Lier (2004, p. 5),

[...] acontece quando elementos relativamente simples se combinam para formar um sistema de ordem mais elevada [complexa]. O todo não é apenas mais do que a soma das suas partes, é de uma natureza diferente do que as partes. O novo sistema está em uma escala diferente e tem diferentes significados e padrões de funcionamento do que os ingredientes mais simples tinham de onde surgiram. Em linguagem, gramática emerge do léxico (Bates e Goodman, 1999), os símbolos emergem de ferramentas (Vygotsky, 1978), a aprendizagem emerge da participação (Lave e Wenger, 1991). Proficiência na linguagem emerge de todas essas transformações.

Para exemplificar, van Lier (2004) enfatiza que as colônias de formigas demonstram um processo de emergência, ou seja, as formigas, que individualmente podem ser muito impotentes (sistemas relativamente simples), em suas colônias (sistemas de ordem mais elevada), constroem estruturas elaboradas, organizam ataques, armazenam e processam comida etc., formando o que se pode comparar a uma empresa industrial e administrativa, mas sem, no entanto, uma liderança centralizada. E, assim como a colônia de formigas, a linguagem é também um sistema emergente (sistemas de ordem mais elevada), pois, individualmente (sistemas relativamente simples), aprendemos a nos comunicar por meio da participação nas diferentes e diversas práticas sociais, sendo que qualquer palavra ou expressão é negociada de novo a cada vez que a usamos, em uma plataforma de pressupostos compartilhados. Como já afirmava Bakhtin, a palavra é sempre a “metade de outra pessoa”, ou seja, a linguagem é dialógica e ela não existe a menos que seja compartilhada; e, como outras fontes de significados oportunizados via a percepção (*affordances*), a linguagem, no mundo, “não está pronta ou dada” (van Lier, 2004, p. 90).

Affordances, por sua vez, “são maneiras significativas de se relacionar com o meio ambiente através da percepção e da ação” (van Lier, 2002), sendo que “o ambiente inclui todas as *affordances* físicas, sociais e simbólicas” (van Lier, 2004, p. 4-5). O termo *affordance* surge na psicologia ecológica de James Gibson, sendo originalmente compreendido como uma propriedade objetiva (real e física) ou subjetiva (valores e significados) ou ambas, já que supera a dicotomia subjetivo-objetivo. “É igualmente um fato do ambiente e um fato de comportamento. É tanto física como psíquica [...] aponta em ambos os sentidos, ao meio ambiente e ao observador” (Gibson, 1979, p. 129). Uma *affordance*, então, é resultado de se perceber o mundo e a percepção de si mesmo em relação ao mundo e no mundo. Isso significa que, quando percebemos algo, percebemos que se refere a nós. Assim, na concepção de Gibson, uma *affordance* é percebida e posta em prática diretamente, imediatamente após a sua percepção. Nesse sentido, a noção de *affordance* está relacionada com o *significado potencial* (Halliday, 1978 in van Lier, 2004, p. 92), com *ação potencial*, e emerge quando interagirmos com o mundo físico e social via um

ciclo contínuo de reforço mútuo em que ação, percepção e interpretação agem conjunta e dinamicamente (Figura 2).

Segundo van Lier (2004, p. 93), as críticas que surgiram à teoria dos *affordances* de Gibson, no que se refere ao pouco papel atribuído à subjetividade individual (memória, cognição, repertório, etc.) dessa teoria, levam a consideração que as *affordances* poderiam ser “pré-sinais”, ou seja, “um combustível para que a produção de sinal ocorra”. No entanto, uma vez inserido no ciclo contínuo de ação (*action*), percepção (*perception*) e interpretação (*interpretation*) (que culmina no surgimento de uma *affordance*), um pré-sinal, antes de fundir-se em um significado cultural (potencialmente uma *affordance cultural*), deve emergir em significados linguístico e simbólico via as várias interações sócias-historicamente contextualizadas (van Lier, 2004).

Nesse panorama, ainda de acordo com van Lier (2004), expande-se a noção de *affordance* (para a sua compreensão como cultural; indireta/mediada) – que vai além da visão original de Gibson (como natural; direta/não-mediada) –, surgindo as noções de *affordance* cultural (discutida acima), *affordance* conversacional (como parte de produção de sentido na conversa em interação), *affordance* social (gestos universais) e *affordance* linguística (discutida a seguir), entre outras. *Affordances* linguísticas (indiretas/mediadas) – que especialmente nos interessa neste trabalho – “são especificadas na expressão linguística e disponibilizadas ao interlocutor ativo (ou destinatário) que pode pegar uma ou mais dessas *affordances* quando são relevantes no momento” – em resumo, “são relações de possibilidade entre usuários da língua” em interação (p. 95). Assim, as *affordances* linguísticas, quando são percebidas e interpretadas pelos interlocutores (dependendo de suas habilidades), promovem ações e conduzem esses interlocutores a níveis mais elevados e mais bem-sucedidos de interações na linguagem.

Outra questão sem avanços na teoria de *affordances* de Gibson e tratada em van Lier (2004) é a questão

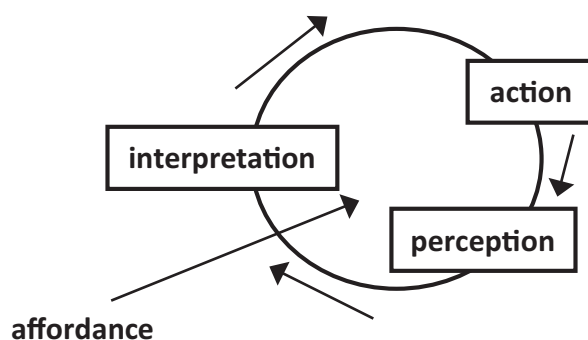


Figura 2. *Affordance*.
Figure 2. *Affordance*.

Fonte: van Lier (2004, p. 92).

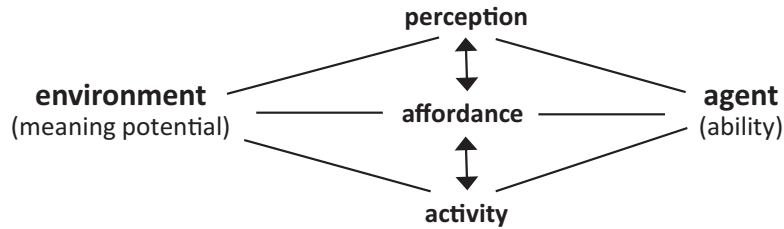


Figura 3. *Affordance* em contexto.

Figure 3. *Affordance* in context.

Fonte: van Lier (2004, p. 96).

de quais características do ambiente seriam relevantes para disparar o ciclo de ação, percepção e interpretação. Conforme o autor, muita dessa relevância está diretamente relacionada à própria evolução das espécies, ou seja, é naturalmente concebida. Na linguagem em uso em interações comunicativas, todavia, a relevância dos pré-sinais (entendendo a comunicação como não-linear) emerge da interação efetiva entre os interlocutores, ou seja, demanda ação, percepção e interpretação de ambos os lados para se concretizar dentro de uma ordem (não-linear) de processos interpretativos (cognição, percepção, objetivos sociais e reações físicas), *affordances* – que van Lier (2004, p. 3-4) discute como sendo de primeira ordem (diretas/não-mediadas) (atitude sinalizada, emoção, posição) – e sinais mediados de vários tipos.

Dentro da perspectiva ecológica e na forma de um diagrama (Figura 3) – que emana a relação entre um sistema vivo e seu meio (*coupling* – Maturana e Varela, 1992) –, van Lier (2004, p. 96) expressa o que acredita ser “o papel essencial da *affordance* em nossas vidas”, enfatizando uma noção complexa de relevância nesse processo. Neste diagrama, como explica o próprio autor, a relevância (não mostrada) “emerge em uma terceira dimensão, como resultado da interação entre a relação da percepção/atividade [*perception/activity*] (através da *affordance*) e do agente/ambiente [*agente/environment*]”, sendo que o resultado final “é semiose (ou produção de significado)” (p. 96). Resumindo, “a relevância emerge da percepção e ação pelo agente em um ambiente” – deixando de lado, aqui, como enfatiza van Lier (2004, p. 95, nota de rodapé), “elementos cruciais humanos de racionalidade reflexiva e noções do eu e de identidade”.

Metodologia de investigação

Este estudo é de natureza qualitativa-interpretativista. A *pesquisa qualitativa*, segundo Bortoni-Ricardo (2008), visa mostrar o *como* e o *por que* dentro de um estudo ou pesquisa sem a necessidade de elaborar índices ou apresentar números. Para tanto, parte-se de uma interpretação individual (do pesquisador) do assunto abor-

gado, objetivando responder o/s problema/s levantado/s ou atender as asserções geradas no início do trabalho. A principal asserção desta pesquisa é a que os CLs, nas Libras, em sua maioria ricos em iconicidade, emergem como *affordances* linguísticas (van Lier, 2004) no processo de sinalização e/ou de prática social da Libras, o que pode possibilitar (principalmente para aprendizes de LS como L2) a compreensão do importante papel desse recurso linguístico na constituição da LS, em geral, e da Libras, em particular. O *interpretativismo*, por conseguinte, ainda conforme a autora, é uma ótima perspectiva de pesquisa quando se pretende obter dados provenientes da interpretação de significados de ações sociais e/ou individuais. Nesse sentido, o foco de análise e interpretação de significados, deste estudo, está centrado em seis CLs (descritivo, especificador, semântico, instrumental, locativo e plural) usados na produção do vídeo “Bolinha de Ping-Pong” de Rimar Romano e Sueli Ramalho. A escolha do vídeo se deu, primeiro, por ser produzido por um surdo com proficiência em Libras como língua materna, o que viabiliza acertos na sinalização, e; segundo, por conter um número expressivo de CLs com um certo grau de iconicidade – fator de suma importância para as reflexões levantadas neste estudo.

Corpus de análise

O vídeo “Bolinha de Ping-Pong” de Rimar Romano e Sueli Ramalho

Os vídeos de Rimar Romano e Sueli Ramalho (professores surdos de Libras), de assuntos e histórias diversas (sempre finalizados com uma moral), possuem um caráter educativo e podem ser usados em cursos de Libras básico, seja pela farta expressão icônica na sinalização ou destreza de seus produtores que facilita no momento da compreensão das histórias sinalizadas, mesmo que com pouco conhecimento da Libras. O caráter educativo das histórias dos autores citados foi o motivo principal para a escolha do vídeo “Bolinha de Ping-Pong” (protagonizado por Rimar) para análise neste trabalho. No vídeo, é pos-

sível visualizar com riqueza de detalhes e de forma bem didática a iconicidade latente de alguns dos CLs na Libras e, entre eles, seis (CL-D, CL-ESP, CL-S, CL-I, CL-L e CL-P) serão foco de análise e reflexão aqui.

A história contada em Libras no vídeo “Bolinha de Ping-Pong”

Primeiramente, o sinalizador surdo Rimar Romano (doravante narrador) conta do que se trata a história, ao soletrar o título “B-O-L-I-N-H-A-D-E-P-I-N-G-P-O-N-G”. Ainda na introdução do vídeo, o narrador cria uma expectativa moralista com seus interlocutores, já que a história que será narrada possui um caráter similar a da nossa vida social.

A história “Bolinha de Ping-Pong” trata de uma competição de tênis de mesa ou de *ping-pong*. As arquibancadas estão lotadas e todos os presentes estão prestes a assistir a uma competição. Há três personagens principais, expostos pelo narrador, um juiz/árbitro (que apita a partida) e dois adversários/competidores. O narrador descreve cada um deles. O competidor 1 possui uma aparência mais bruta, forte, com barba longa que, conforme sinaliza o narrador, poderia ser penteada. Na descrição sobre o adversário, observa-se que há um aspecto mais ancestral/animalesco. O competidor 2 tem uma aparência mais afável, delicado, arrumado, perfumado, mostra um cuidado com as mãos, usando luvas, e também com a cabeça, usando boné com a aba para trás (verifica-se esses detalhes quando o narrador ajeita o que seriam cabelos longos para colocar o boné e faz uso de protetor labial utilizado por esportistas). O narrador descreve que esse competidor tem um cuidado com sua aparência, rosto, pele, mãos etc. A aparência do juiz não é apresentada pelo narrador. Após descrever os dois adversários, o narrador retoma a história central: a competição. O juiz cumprimenta os dois competidores com um gesto, pega a bolinha de *ping-pong* para iniciar a partida, começa a fazer brincadeiras com ela sinalizando que a bolinha se parece com um nariz de palhaço e conversa com a mesma. Desse ponto em diante, a bolinha passa a ser outro personagem da história. Assim, o árbitro comunica à bolinha que é o momento de ela participar da competição. O competidor 1 pede a bolinha para o juiz, alegando que irá começar a jogada. Após lhe entregar a bolinha, o árbitro pede para iniciar a partida. O jogador 1 dá a primeira sacada, a bolinha vai em direção ao jogador 2 e ele, ao invés de rebater a bolinha para continuar a jogada, a segura. O público olha para o competidor 2, assim como o juiz. O juiz pede para que o jogador 2 continue com o jogo, pedindo para que lance a bolinha. O competidor 2 joga a bolinha com seu jeito tranquilo, e ela vai em direção ao oponente que rebate com concentração e força, e assim segue o jogo. Um competidor bate e outro rebate sem deixar a bolinha cair para fora da mesa, e sem segurá-la. A plateia e o

árbitro acompanham cada movimento da bolinha, de um lado para outro da mesa, sem parar. Algum tempo depois, o narrador dá um foco na bolinha e, nesse momento, percebe-se, pela sua sinalização, que a bolinha está sendo machucada, que a cada batida ela se sente levada de um lado para outro. O juiz percebe que a bolinha está sofrendo, sentindo dor por estar muito tempo naquela situação. E, a cada batida na bolinha, o juiz acompanha sua angústia, até que a bolinha pede ajuda, solicitando que seja resgatada. O árbitro concede o pedido da bolinha tirando-a da jogada. A bolinha sente o impacto de o juiz tê-la pegado em movimento. Mas, logo vem a pergunta por parte do juiz: de quem é a vez de jogar? Quem ganhou? Para quem vai a bolinha? MORAL: O vídeo “Bolinha de Ping-Pong” subentende uma moral social que está ligada às decisões que tomamos e as reações que temos, individualmente, diante os problemas da vida.

Abordagem ecológica na compreensão da emergência de classificadores na Libras

Nesta seção, trataremos da análise, reflexão e discussão dos CLs Descritivo (CL-D), Especificador (CL-ESP), Semântico (CL-S), Instrumental (CL-I), Locativo (CL-L) e Plural (CL-P) encontrados no vídeo “Bolinha de Ping-Pong” de Rimar Romano e Sueli Ramalho. Inserida na perspectiva da abordagem ecológica (van Lier, 2002, 2004), a análise segue as considerações em van Lier (2004) sobre a emergência de *affordances* linguísticas em interações comunicativas para a compreensão de como os CLs emergem na Libras. Para tanto, adaptamos o diagrama “Affordance em contexto” (Figura 3) apresentado pelo autor, para contemplar aspectos e dimensões enfatizados no estudo aqui desenvolvido, como:

- (a) *interlocutor/es*: pessoa/s que assiste/m ao vídeo;
- (b) *primeira dimensão*: relação entre percepção e atividade;
- (c) *segunda dimensão*: relação entre agente/s e ambiente/s;
- (d) *terceira dimensão*: relevância;
- (e) *affordance linguística*: liga todas as dimensões, não-linearmente;
- (f) *atividade*: sinalização em Libras; agrupa outro/s ambiente/s, agente/s, objetos, situações (etc.) da história que é narrada, fazendo surgir a iconicidade dos CLs;
- (g) *quarta dimensão*: iconicidade (favorecida na produção de alguns CLs no espaço físico e uso do corpo do sinalizador); emerge aninhada as outras dimensões, movimentando-as;
- (h) *semiose* (produção de significado): resultado da interação entre as quatro dimensões e todos os aspectos inter-relacionadas/os no diagrama.

Na discussão da análise das emergências dos CLs como *affordances* linguísticas – como apresentadas nas próximas subseções – o que denominamos ambiente 1 (vídeo) possui um significado potencial para a sinalização (atividade) da história em Libras pelo narrador (denominado agente 1). O agente 1, por sua vez (como já enfatizado), possui uma habilidade de sinalizador proficiente em Libras, tendo em vista que é surdo e a Libras é sua língua materna (L1). Com isso, o narrador utiliza de sua proficiência em Libras para contar a história, e assim, sinaliza (atividade) visando a percepção/compreensão da mensagem/história por parte do/s interlocutor/es (classificado/s como agente/s 2) no momento das descrições. A atividade potencializa a emergência de iconicidade (outra dimensão, ao lado da relevância e das relações entre percepção/atividade e agente/ambiente) (Figura 4).

Nesse contexto, o/s agente/s 2 (interlocutor/es) também precisa/m ter habilidades (em algum grau) em Libras (como L1 ou L2), bem como reconhecer/em o significado potencial do vídeo e dos CLs como potenciais *affordances* linguísticas (mesmo que inconscientemente), para que a interação comunicativa possa se efetivar. Durante a sinalização (atividade), as *affordances* linguísticas – aninhadas a dimensão da iconicidade dos CLs – emergem no momento em que são relevantes para o/s agente/s 2; sendo, nessa ocasião, que se concretiza a produção de significados (semiose) e, conseqüentemente, a interação

efetiva entre os agentes 1 e 2. Salientamos que, para a descrição e discussão dos CLs (a seguir analisados), recorreremos à Figura 1 quando se fizer necessário ilustrar o uso de CM na sinalização dos CLs. Ainda, ao discutirmos a iconicidade emergente em cada CL, utilizaremos a escala de 1 a 5 (Quadro 1) que visa “medir” o grau de iconicidade na produção dos CLs.

O CL Descritivo (CL-D): vídeo 0:37-0:39

Como vimos na seção “Focando alguns classificadores na Libras”, o CL-D serve para descrever a forma e o tamanho de um objeto, animal ou pessoa – usado logo no início da contação da história, aos 37 segundos do vídeo. O narrador utiliza esse CL para descrever como é a mesa de *ping-pong*. Na Figura 5, ilustramos a emergência desse CL ao analisarmos o vídeo.

O narrador (agente 1) utiliza o CL-D, no ambiente 1, ao descrever (atividade/sinalização) a mesa de *ping-pong* (objeto). Para tanto, Rimar usa as duas mãos na CM de número 19 (Figura 1), no espaço neutro, a frente do seu tronco. Sinalizada a CM 19 (com as mãos juntas e centralizadas), o narrador afasta as duas mãos para as laterais, formando um retângulo ao descrever o formato da mesa. Após delinear a mesa, o narrador faz (agora com uma das mãos apenas) a CM de número 17 (Figura 1) em formato de pinça (no centro do retângulo/mesa, no espaço

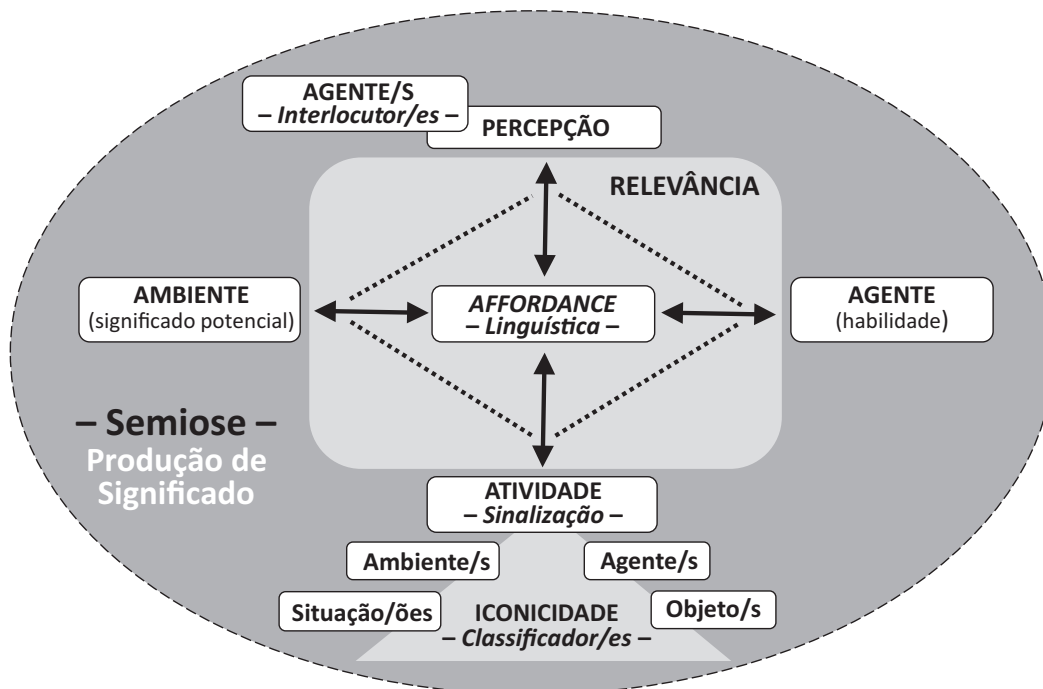


Figura 4. *Affordance* linguística em contexto da Libras.
Figure 4. Linguistic affordance in the *Libras* context.

Fonte: Adaptado de van Lier (2004, p. 96).

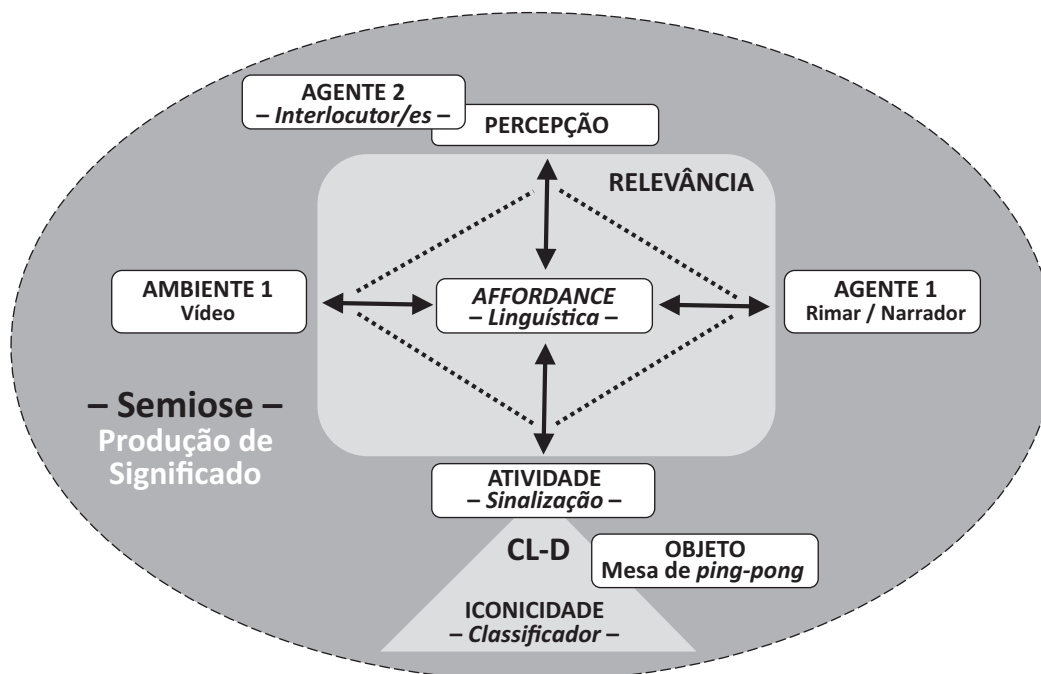


Figura 5. A emergência do CL-D em contexto de interação comunicativa na Libras.
Figure 5. The CL-D emergence in the *Libras* context of communicative interaction.

neutro, já sinalizado) uma linha reta (perpendicular ao narrador) que representa a rede da mesa que separa os dois lados dos competidores. Na produção desse CL-D, a iconicidade (escala 4, Quadro 1) emerge porque, ao sinalizar as CMs 19 e 17, o narrador desenha, respectivamente, no espaço neutro, um retângulo (mesa) e sua rede (linha reta perpendicular ao sinalizador ao centro da mesa já sinalizada); e é de conhecimento geral (conhecimento prévio provável do/s interlocutor/es – agente/s 2) que uma mesa de *ping-pong* seja retangular e que possui uma rede ao centro que se posiciona paralelamente aos lados menores do retângulo.

O CL Específico (CL-ESP): vídeo 0:52-1:19

O CL-ESP especifica tamanho e forma de uma parte do corpo de pessoas ou animais. Esse CL aparece no vídeo aos 52 minutos com a necessidade do narrador de especificar detalhes importantes dos personagens (competidores: agentes 3 e 4) da história (Figura 6).

O narrador delinea os competidores da partida: de um lado, há uma pessoa forte, bruta, com barba longa (agente 3), enquanto que do outro lado tem uma pessoa mais calma, delicada, perfumada etc. (agente 4). Os detalhes dos personagens foram explorados pelo CL-ESP via expressões faciais (ENM) da seguinte forma: (i) para o primeiro competidor (agente 3), logo no início, o narrador (agente 1) usa a ENM de fúria para representar o estado de espírito do personagem para a partida; logo

após, descreve algumas partes mais específicas com a barba bem longa (que pode ser penteada: o narrador faz uso de um pente na barba); (ii) para o segundo competidor (agente 4), o narrador usa ENMs para enfatizar uma pessoa mais calma/tranquila, com cabelos longos (ao ponto de conseguir enrolá-los na cabeça antes de colocar um boné); o agente 4 age de forma tranquila, usa de perfume, luvas e um protetor labial. Nessa parte do vídeo (0:52-1:19), percebemos que o CL-E é rico em iconicidade (escala 4, Quadro 1), pois parece ser de fácil compreensão pelo/s interlocutor/es (agente/s 2), uma vez que os sinais apresentam características próprias do corpo, como cabelo e barba comprido/a (facilmente identificados na sinalização). Ainda, o agente 1 faz uso das ENMs que ajudam e complementam a percepção pelo/s agente/s 2 na interpretação das caracterizações dos dois competidores.

O CL Semântico (CL-S): vídeo 0:40-0:50 e 1:25-1:40

O classificador semântico (CL-S) está ancorado em configurações de mãos (CM). Esse tipo de CL pode representar um objeto como um todo ou retratar algo abstrato, podendo vir acompanhado com pouca ou nenhuma iconicidade. Porém, quando mencionado em um contexto, esse CL pode propiciar um grau de iconicidade maior – como é o caso, aqui, do uso desse CL. No vídeo, pudemos encontrar dois momentos em que foi utilizado esse recurso (Figura 7).

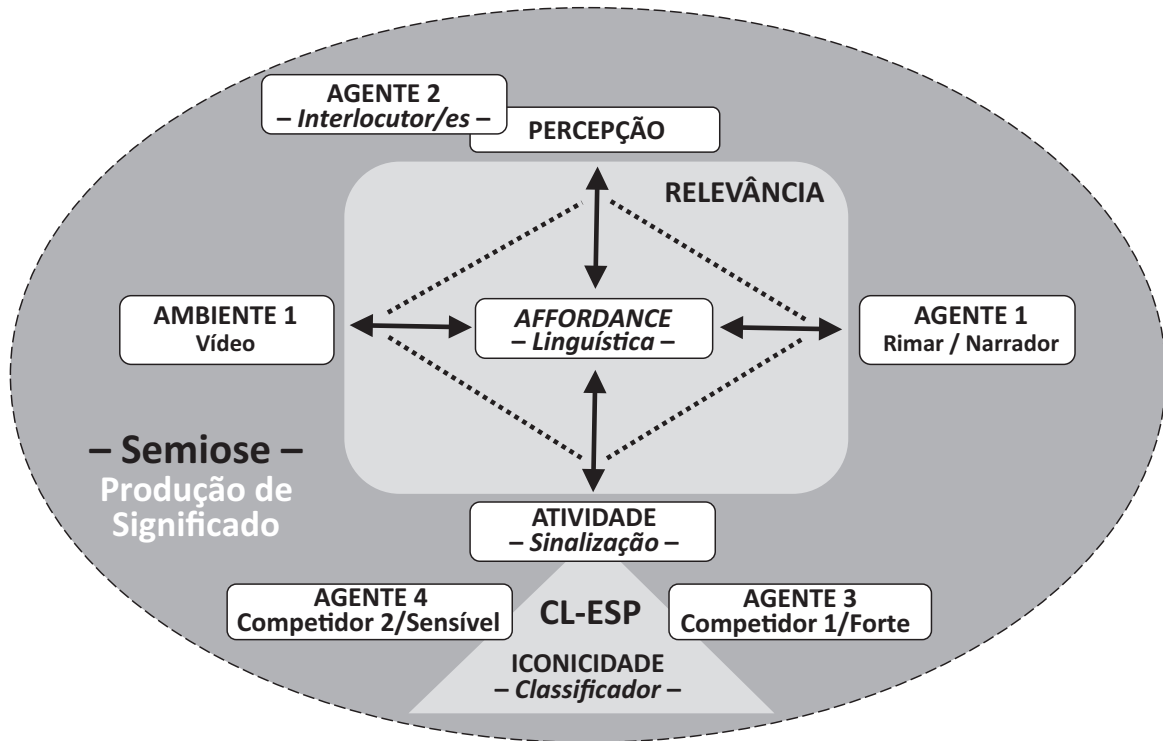


Figura 6. A emergência do CL-ESP em contexto de interação comunicativa na Libras.
Figure 6. The CL-ESP emergence in the *Libras* context of communicative interaction.

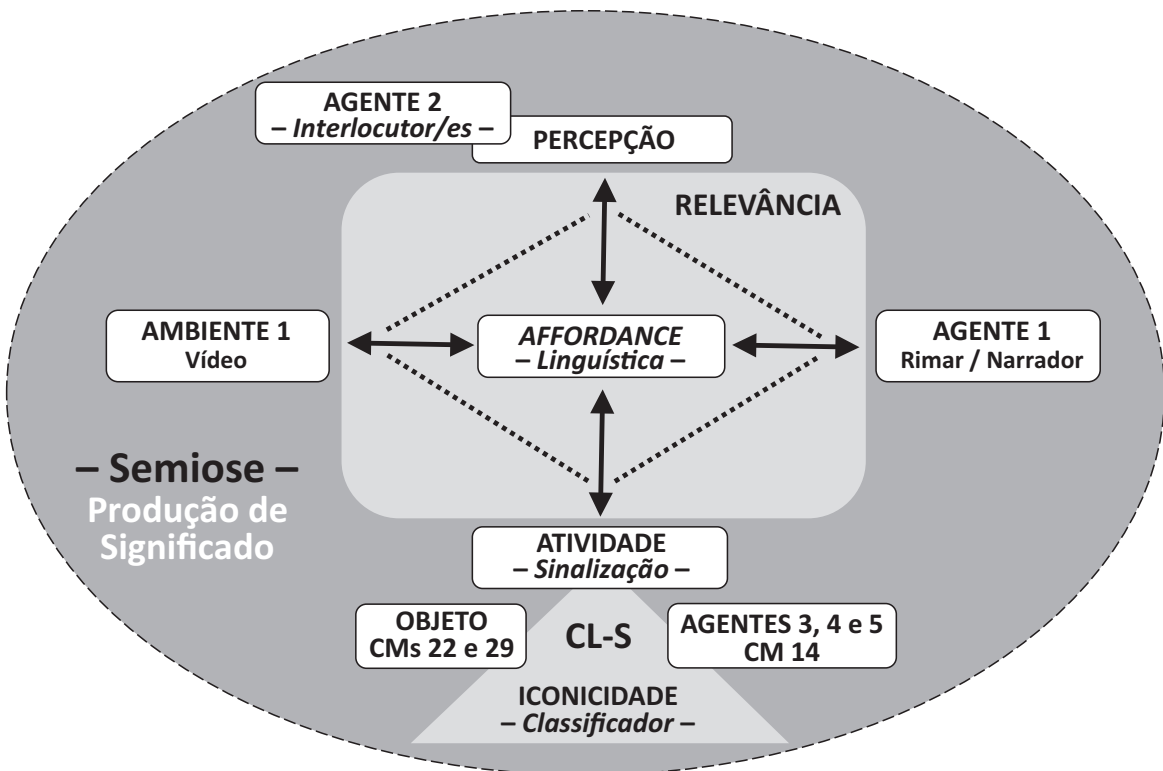


Figura 7. A emergência do CL-S em contexto de interação comunicativa na Libras.
Figure 7. The CL-S emergence in the *Libras* context of communicative interaction.

No primeiro momento (0:40-0:50), verifica-se a emergência do CL-S quando o narrador (agente 1) menciona os competidores (agentes 3 e 4) – um em cada lado da mesa de *ping-pong* – e o posicionamento do juiz (agente 5) – também em relação à mesa. Nessa ocasião, é utilizado a CM de número 14 (Figura 1) no qual nos lembra o numeral 1. No segundo momento (1:25-1:40), o narrador faz referência à bolinha (objeto) para o início da partida, utilizando as CMs de número 22 (que se assemelha a vogal ‘O’, círculo está bem fechadinho) e 29 (círculo não fechado, com uma pequena abertura). Mesmo havendo pouca iconicidade na sinalização de um CL-S, como salientado antes, é visível um certo grau de iconicidade (escala 2, Quadro 1) na realização da atividade/sinalização nos dois momentos da história, já que temos um contexto (uma competição de *ping-pong*) em que se faz necessário haver dois competidores, um juiz e uma bolinha. Assim, é imperativo que o/s interlocutor/es efetive/em uma relação entre atividade/sinalização e conhecimento prévio para que possa haver uma percepção significativa e assim efetivarmos a produção de significado (semiose).

O CL Instrumental (CL-I): vídeo 1:52/2:18-2:23 e 2:31-2:34/2:41-2:47

O CL-I serve para determinar qualquer situação que envolva uma ação ou demonstração de como objetos são manuseados ou segurados. É visível a emergência

desse CL-I em duas situações na contação da história (Figura 8).

A primeira situação (1:52/2:18-2:23) é quando o narrador sinaliza que o juiz (agente 5) segura um apito, ou seja, usa/manuseia um objeto. A segunda situação (2:31-2:34/2:41-2:47) é quando o narrador sinaliza que os competidores (agentes 3 e 4) possuem um instrumento/objeto (raquete) para rebater a bolinha, ou seja, estão segurando um objeto. Assim, temos que o agente 1 utiliza o CL-I, no ambiente 1, para demonstrar que, primeiro, os agentes 3 e 4 (competidores) estão usando raquetes para rebater a bolinha e que, segundo, o agente 5 (juiz) está usando um apito.

Em ambos os casos, não se trata de ações propriamente ditas, mas da descrição de que os agentes 3, 4 e 5 seguram instrumentos para a realização de uma ação. Assim, nas duas situações, verificamos que a iconicidade (escala 3, Quadro 1) emerge pelo fato de que o narrador expressa que os competidores necessitam de raquetes para jogar e que o juiz necessita de apito para penalizar e pontuar a partida.

O CL Locativo (CL-L): vídeo 2:50-3:08

O CL-L serve para relatar um objeto em um lugar determinado, relacionando-o a outro. No vídeo (2:50-3:08), podemos perceber que o narrador (agente 1) utiliza deste recurso apenas uma vez quando assume a posição da bolinha (agente 6), mostrando o que ela está sentindo ao receber as raquetadas dos competidores (Figura 9).

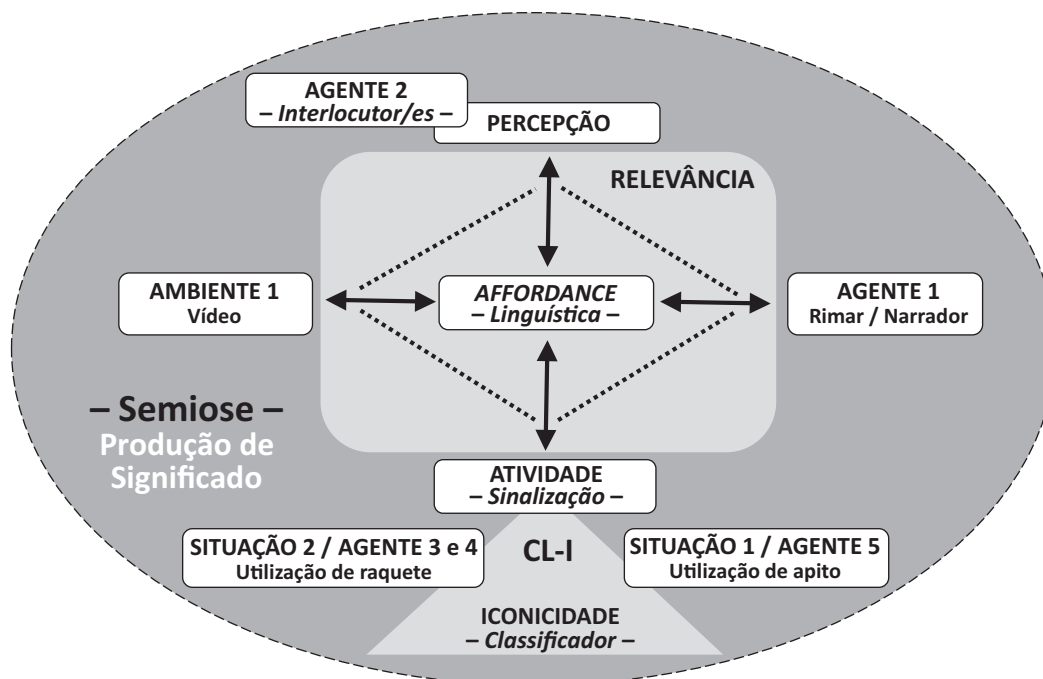


Figura 8. A emergência do CL-I em contexto de interação comunicativa na Libras.
Figure 8. The CL-I emergence in the *Libras* context of communicative interaction.

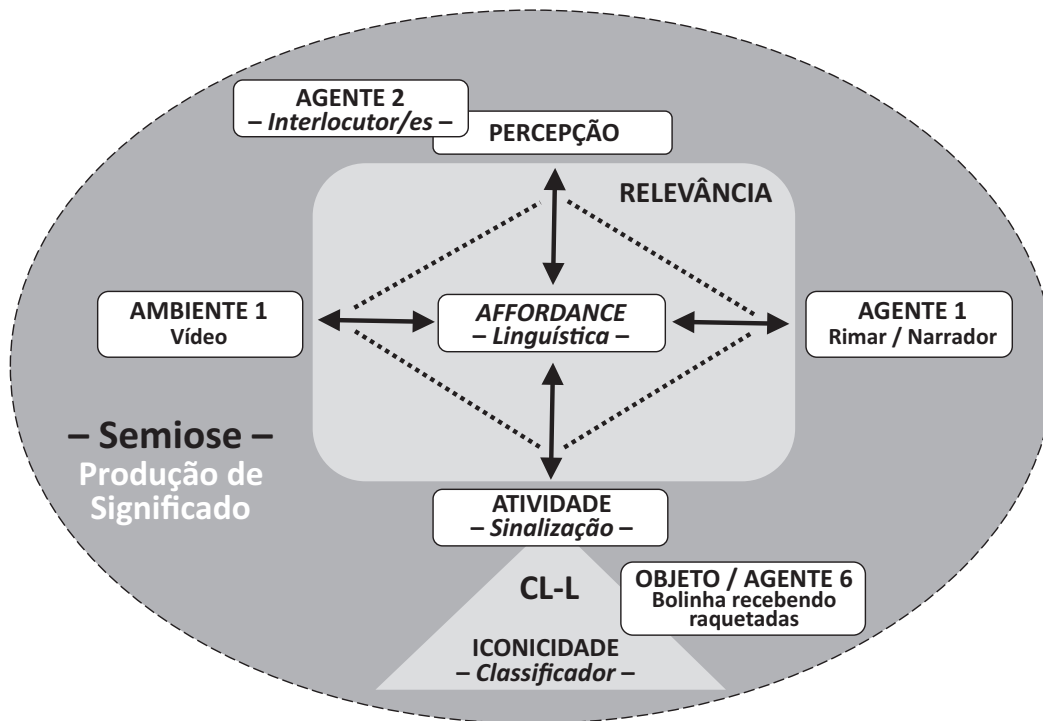


Figura 9. A emergência do CL-L em contexto de interação comunicativa na Libras.
Figure 9. The CL-L emergence in the *Libras* context of communicative interaction.

Portanto, o CL-L é usado pelo narrador como recurso de atribuir um papel de agente sobre um objeto (bolinha) a fim de poder expressar seus sentimentos, como a dor sentida pela bolinha quando recebia raquetadas durante o desenvolvimento da partida. Dessa forma, a iconicidade (escala 3, Quadro 1) emerge no momento da expressão da dor pelo narrador que permite ao/s interlocutor/es (agente/s 2) perceberem que o agente 1 assume o papel da bolinha (agente 6) na partida.

O CL Plural (CL-P): vídeo 0:35-0:36 e 1:51/2:23-2:27

O CL-P serve para representar movimento ou posição do referente, estabelecendo um número definido ou indefinido. No vídeo, o narrador (agente 1) utiliza desse recurso duas vezes (Figura 10): (i) (0:35-0:36) quando expressa que a arquibancada (ambiente 2) está lotada; (ii) (2:23-2:27) quando utiliza o olhar do público (agente 7), que assiste à competição, para acompanhar os movimentos da bolinha de *ping-pong*, indo e vindo, observando as batidas e rebatidas dos competidores – Figura 9.

À vista disso, a emergência do CL-P no vídeo é percebida quando o narrador (agente 1) recorre à utilização da CM de número 61 (Figura 1) ao expressar que a arquibancada está lotada (ambiente 2), simulando o público (agente 7) que acompanha com o olhar os movimentos da bolinha. Nesse momento, o narrador se posiciona no lado direito quando o olhar do público se volta para direita, e

para o lado esquerdo quando o olhar do público vai para a esquerda (e assim sucessivamente). Percebe-se que a iconicidade (escala 3, Quadro 1) emerge quando o narrador deixa claro que as arquibancadas estão lotadas (ambiente 2), ao retomar o uso da mesma CM para demonstrar que o público (assim como o juiz da partida) acompanha a bolinha, não perdendo nenhuma jogada dos competidores.

Conclusão

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), assim como as demais LS, possui em sua estruturação interna parâmetros linguísticos (nível fonológico) essenciais na produção de significados da língua, com a configuração de mão (CM), movimento (M), locação (L), orientação de mão (Or) e expressões faciais não-manuais (ENM). Da mesma forma, os classificadores (CL) (níveis morfológico e semântico) também assumem um papel importante na atividade semiótica na prática social da Libras (e das LS), muitas vezes alinhados aos parâmetros linguísticos principais e secundários. Mas a produção de significados em qualquer língua natural (oral ou de sinal) só se concretiza na interação efetiva entre os interlocutores em contextos reais de uso da linguagem. Nesse sentido, as LS favorecem a reflexão e estudo sobre a emergência de *affordances* linguísticas (van Lier, 2004), principalmente no que tange à iconicidade naturalmente subjacente a sua modalidade visoespacial (produção manual e percepção visual). Não esquecendo, todavia, que cada país, com a

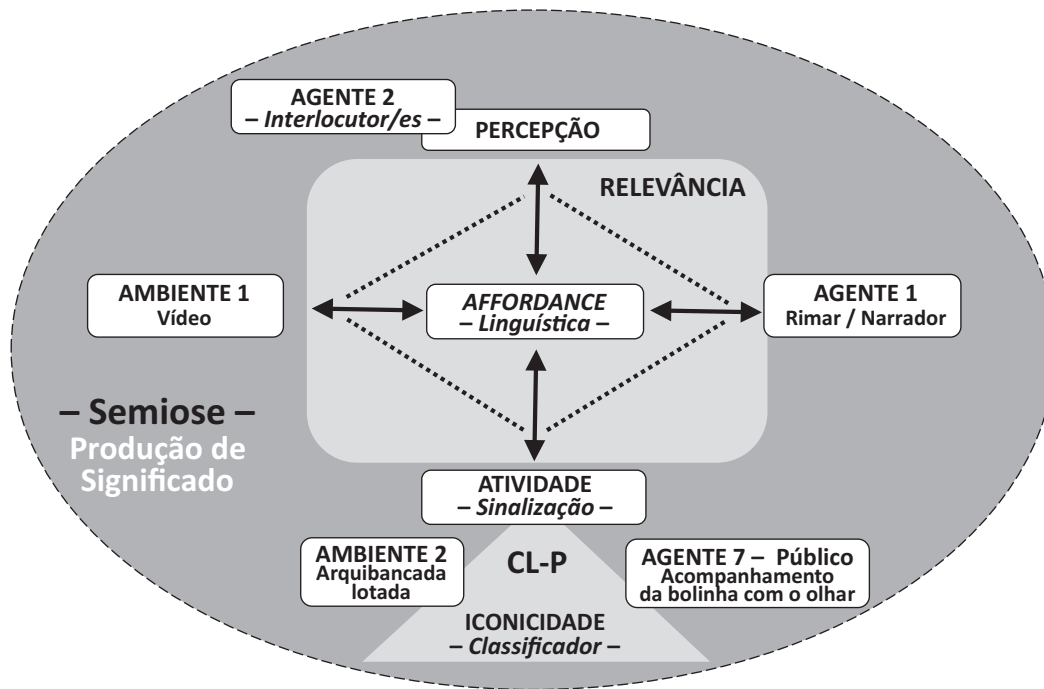


Figura 10. A emergência do CL-P em contexto de interação comunicativa na Libras.
Figure 10. The CL-P emergence in the *Libras* context of communicative interaction.

Quadro 3. Escala de iconicidade dos CLs analisados.
Chart 3. Scale of iconicity of the CLs analyzed.

1	2	3	4	5
Com nenhuma iconicidade	Com pouca iconicidade	Com média iconicidade	Com muita iconicidade	Totalmente Icônico
--	CL-S	CL-I, CL-L e CL-P	CL-D e CL-E	--

sua LS, interpreta e percebe a iconicidade em relação a sua própria cultura.

Nesta pesquisa, discutimos as relações entre CLs e *affordances* linguísticas (van Lier, 2004), mostrando como esse importante componente da estruturação linguística interna das LS, o CL, emerge como *affordance* linguística em interações na Libras, tendo em vista graus diferentes de iconicidade subjacentes a cada CL analisado. Como resultado, pudemos perceber que todos os CLs discutidos (descritivo, especificador, semântico, instrumental, locativo e plural) possuem um certo grau de iconicidade, indo da escala 2 (pouca, CL-S), passando pela escala 3 (média, CL-I, CL-L e CL-P), chegando na escala 4 (muita, CL-D e CL-E) (Quadro 3).

Esse resultado, portanto, pôde mostrar que muitos CLs emergem como *affordances* linguísticas, potencialmente facilitando a sua compreensão e interpretação no

processo de interação comunicativa na Libras (e nas LS). Mikos (1983 *in* Ferreira-Brito, 2010) já havia salientado ser o CL o cerne de uma LS que, dentro de um *frame tridimensional*, faz emergir uma imagem visual rica com forma e movimentos que simulam o mundo real. E esse *frame tridimensional*, no âmbito do CLs, pode ser tomado (como foi demonstrado nesta pesquisa) como oportunidades linguísticas (*affordances*) nas interações na Libras (e nas LS). No que se refere ao campo das pesquisas sobre a compreensão dos CLs (como componente linguístico), a aquisição de uma LS (como L1 ou L2) e seu uso (em diferentes comunidades surdas e de ouvintes), associar CLs às *affordances* linguísticas pode propiciar uma compreensão mais ampla do significado potencial do ambiente de produção da Libras (em que o sinalizador é parte constitutiva) e sua vasta gama de oportunidades nesses processos, bem como a importância das habilidades

dos interlocutores, assegurando potencial percepção e relevância nas produções de significados nas LS.

Referências

- BERNARDINO, E.L.A. 2012. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, **10**(19):250-280.
- BORTONI-RICARDO, S.M. 2008. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo, Parábola Editorial, 136 p.
- CASTRO, N.P. 2012. *A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais*. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 165 p.
- FACULDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS (FATEC). Classificador. [s.d.]. Disponível em: <http://www.fatecc.com.br/alunos/apostilas/libras/Classificador/classificador.pdf>. Acesso em: 10/12/2015.
- FERREIRA-BRITO, L. 2010. *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 273 p.
- GIBSON, J.J. 1979. The theory of affordances. In: R. SHAW; J. BRANSFORD (eds.), *Perceiving, acting, and knowing. Towards an ecological psychology*. Hoboken, John wiley & Sons Inc., p. 127-143.
- MATURANA, H.; VARELA, F. 1992. *The tree of knowledge: The biological roots of human understanding*. Boston, Shambala, 269 p.
- PUHL, J.; BORGES, E.F.V. 2016. O papel das *affordances* na aquisição da Libras como L2. *Práxis Educativa*, **11**(2):434-448. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.11i2.0007>
- QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. 2004. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre, Artmed, 221 p.
- SANTOS, J.R. 2015. *Reconhecimento das configurações de mão de LIBRAS baseado na Análise de Discriminante de Fisher bidimensional utilizando imagens de profundidade*. Manaus, AM. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, 95 p.
- SEGALA, R.R.; RAMALHO, S. 2009. Bolinha de Ping-Pong. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VhGCEznqjlo>. Acesso em: 26/09/2015.
- STREIECHEN, E.M. 2013. *Libras: aprender está em suas mãos*. Curitiba, CRV, 146 p. <https://doi.org/10.24824/978858042664.9>
- VAN LIER, L. 2004. *The ecology and semiotics of language learning: a sociocultural perspective*. New York, Klumer Academic Publishers, 252 p. <https://doi.org/10.1007/1-4020-7912-5>
- VAN LIER, L. 2002. An ecological-semiotic perspective on language and linguistics. In: C. KRAMSCH (ed.), *Language acquisition and language socialization: ecological perspectives*. New York, Continuum, p. 140-164.
- VAN LIER, L. 2000. From input to affordance: social-interactive learning from an ecological perspective. In: J. LANTOLF (ed.), *Sociocultural theory and second language learning*. Oxford, Oxford University Press, p. 245-285.

Submetido: 24/04/2017

Aceito: 15/01/2018